

Uma metodologia para análise de conceito em livro didático de História

A methodology for concept analysis in history textbook

Luiz Adriano Lucena Aragão
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife-Brasil

Roberta Pasqualli
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
Chapecó-Brasil

Resumo

Nos livros didáticos de História conceitos apresentam ressignificações, ou seja, mudanças de significados originadas por contextos históricos, transformações sociais, entre outros. Surgem conceitos novos e, até mesmo, perspectivas tradicionais são renovadas com significações mais atuais. Sendo assim, essa pesquisa tem como objetivo apresentar uma proposta de metodologia que possibilite aos professores de História da Educação Básica analisar os conceitos que são postos nos livros didáticos. É do tipo aplicada, descritiva e de abordagem qualitativa. Para sua consolidação, fez-se uso de referenciais teóricos e análise documental. Como resultado, indica-se que a operacionalização da metodologia apresentada favorece a percepção de como os processos históricos se desenrolam e de como novos panoramas e narrativas históricas vão sendo sintetizadas e incorporadas na linguagem didática.

Palavras-chave: Livro didático; Conceitos de História; Metodologia de análise.

Abstract

In History textbooks, concepts present resignifications, that is, changes in meanings caused by historical contexts, social transformations, among others. New concepts emerge and even traditional perspectives are renewed with more current meanings. Therefore, this research aims to present a proposal for a methodology that allows History of Basic Education teachers to analyze the concepts that are included in textbooks. It is applied, descriptive and has a qualitative approach. For its consolidation, theoretical references and documentary analysis were used. As a result, it is indicated that the operationalization of the presented methodology favors the perception of how historical processes unfold and how new historical panoramas and narratives are synthesized and incorporated into the didactic language.

Keywords: Textbook; History concepts; Analysis methodology.

Introdução

A aprendizagem é mais profunda e mais duradoura quando requer esforço. A aprendizagem fácil é como escrever na areia: perdura hoje e amanhã se esvai (Brown; Roediger; Mcdaniel, 2018, p. 25).

Dialogando com o aforismo acima, parte-se do pressuposto de que ao se trabalhar com os conceitos históricos nos livros didáticos, é possível que tais conceitos sejam apresentados aos estudantes por meio das orientações indicadas no texto do livro didático ou, também, pelas metodologias individuais de cada professor(a) trabalhar em sala de aula. Estas duas formas de apresentação podem, algumas vezes, se caracterizar como algo dado (pronto e acabado), com certa abstração, comumente relacionados na realidade histórica e, se assim for, preocupa-nos a possibilidade da incorrência de uma aprendizagem momentânea, sem profundidade.

Considera-se que a ideia de memorizar e lidar com informações é uma premissa no ensino de História, contudo, algumas práticas pedagógicas se tornam ineficientes ao trabalhar os conteúdos de forma cumulativa, sendo transmitidos como verdades absolutas. São, então, métodos de ensino demasiadamente expositivos e com atividades predominantes de memorização de fatos históricos com datas lineares e personagens importantes, que se resumem em generalizações e imposições dos assuntos abordados em sala de aula (Guimarães, 2012).

Para Caimi (2010), na realidade do ensino de História do país, ora essas práticas mais conservadoras estão presentes e, ora, abordagens mais reflexivas estão em curso. Ainda que no aprendizado de História se exija do estudante aprender, perceber, lembrar e reconhecer, esse percurso deve ser significativo por meio de um raciocínio plural e de múltiplos sentidos em que ideias, dados e informações serão trabalhadas em contexto próprio, respeitando o tempo, as condições culturais, os posicionamentos políticos, as classes sociais e mais outros fatores que possam contribuir para a análise histórica. Sendo assim, é por esses e outros argumentos que considera-se que o livro didático a ser estudado tem por obrigação trazer o saber histórico problematizado e debatido em suas temáticas.

Destarte, surgem questionamentos sobre como adensar, de forma significativa para o professor e/ou para o estudante, os diversos sentidos que os conceitos históricos carregam e que aportam no livro didático de História. Nesta direção, o estudo anunciado neste artigo tem por objetivo apresentar uma proposta de metodologia que possibilite aos professores de

História criar, a partir da linguagem didática (literatura didática), mecanismos para analisar o texto didático, focando nos conceitos que os livros didáticos de História são portadores. Por meio das categorias propostas neste estudo, será possível ao professor perceber as significações que os conceitos carregam e não simplesmente as definições encontradas nos conteúdos curriculares.

Ao pensar que a historiografia nos remete aos vários sentidos da História, podemos refletir como os historiadores conceituam e percebem os processos históricos em cada tempo e em sua contemporaneidade. Trazer essa visão para o contexto de sala de aula implica em um processo crítico no qual professores e estudantes precisam estar alertas à contextualização dos assuntos abordados, às relações que determinados conceitos podem estabelecer, às digressões que, acaso, apareceram no livro didático. Por isso, é importante uma metodologia que analise as especificidades dos conceitos históricos a ser apreendido no processo de escolarização, pois tal aprendizado repercutirá na formação intelectual do estudante.

Assim, entendendo as nuances do ensino de História e a função pedagógica dos livros didáticos bem como a necessidade de aprofundar algumas questões, o presente trabalho tem, também, como finalidade, contribuir com os estudos preocupados em desenvolver estratégias metodológicas para os usos dos livros didáticos de História ao observar os seus conceitos históricos.

Nesta direção, este estudo está organizado em quatro perspectivas: no primeiro e segundo momento contextualiza a pesquisa e destaca os referenciais teóricos que foram privilegiados para a construção do texto. Na sequência apresenta-se o percurso metodológico trilhado para sua elaboração e, por fim, revela-se os resultados e discussões oriundos da pesquisa proposta. Por fim são anunciadas as considerações finais resultantes deste estudo e apresentadas as referências utilizadas.

O ensino de História e o trabalho com análise de conceitos nos livros didáticos

Segundo Chervel (1990), as finalidades educacionais e do ensino perpassam pelas demandas sociais. Estas necessidades sociais são dinâmicas e refletem os anseios de cada sociedade, variando com o passar do tempo e com as mudanças culturais. Para Chervel, em determinada época ao longo da História houve a necessidade da sociedade, da família, da religião delegar suas funções educacionais para uma instituição especializada, a escola

(Chervel, 1990). Sem entrar no mérito das causas de se centrar a instrução (ensino) e a educação na instituição escola, o fato é que a sociedade estabelece um papel relevante na escola e que a instituição escolar, ao entrar em contato com a cultura exterior, produz sua própria cultura e essa construção ocorre por meio de uma troca de saberes.

A relação estabelecida acima pode ser aplicada no conhecimento científico e no conhecimento escolar. Nesse sentido, os conteúdos e os objetivos escolares não advêm apenas das ciências de referências por meio de um transpassar didático, “mas de um complexo sistema de valores e de interesses próprios da escola e do papel por ela desempenhado na sociedade letrada e moderna.” (Bittencourt, 2011, p. 39). Se a escola é produtora de conhecimento e de trocas de saberes torna-se ainda mais importante analisar as ferramentas didáticas que dão sentido ao processo de ensino-aprendizagem, tal qual o livro didático.

Os livros didáticos são importantes nos componentes curriculares escolares por serem um instrumento arraigado ao cotidiano escolar que cumpre importantes funções, como destaca Freitas (2009): “reprodução ideológica, difusão do currículo oficial, condensamento dos princípios e saberes das ciências de referência, guiar o processo de ensino-aprendizagem e estabelecer em uma formação contínua com as atualizações” (Freitas, 2009, p.14).

Nas palavras de Silva (2012), embora criticado, o livro didático ainda tem a primazia entre as ferramentas didáticas utilizadas nas escolas do ensino básico. Isso se deve às situações que se fizeram adversas no contexto escolar as quais delegaram ao livro, em muitas instituições ainda hoje, o papel de “o único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula” (Silva, 2012, p. 806).

Sempre haverá crítica em relação aos materiais didáticos seja nos aspectos ideológicos, seja na qualidade do material ou na precisão e atualização das suas informações. Talvez, hoje, o esforço maior dos estudiosos não seja refutar a presença e o papel do livro didático no ensino, mas criar mecanismos que possam atestar a qualidade deste livro. Nesse sentido é importante o papel desempenhado por programas como Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) na tentativa de garantir a chegada dos livros nas escolas com o mínimo de erros ou imperfeições editoriais, tendo em vista a avaliação sistemática, criteriosa e eficaz promovida pelo programa em mais de duas décadas.

Por outro lado, como bem pontua, Cavalcanti (2021), no seu estudo sobre as matrizes curriculares dos cursos de Licenciatura em História no Nordeste, há necessidade de ter

componentes curriculares que promovam as condições de experimentar e melhorar a qualidade do livro ainda nos cursos de Graduação, tornando-o objeto de investigação no decorrer da formação docente. Segundo Cavalcanti,

Seria ilusório acreditar que, depois de formados, atuando em sala de aula, com carga horária extensa e condições de trabalho nem sempre favoráveis, os professores irão transformar – meio por intervenção divina – o livro didático em instrumento de pesquisa, em objeto de investigação no cotidiano escolar (Cavalcanti, 2021, p. 62-63).

Nesta direção, promover a melhora no livro didático também é promover a sua instrumentalização como meio investigativo. Para o ensino de História essa perspectiva, dentre outras, pode ser pensada para a análise conceitual por meio do próprio texto didático. Quais elementos historiográficos contribuem para tal investigação? Para responder a essa indagação nos reportaremos, a seguir, ao exercício teórico dos historiadores Koselleck (1992, 2006), Rusen (2007) e Le Goff (1990).

Elementos historiográficos para uma análise conceitual nos livros didáticos de História

Para Koselleck (2006), tomando como perspectiva a teoria da História dos Conceitos, as palavras passam por transformações para se tornarem conceitos. Essas mudanças representam as ressignificações pelas quais as palavras adquirem diferentes sentidos e formas de uso. Esse processo, no campo da História dos conceitos, consiste em transformar a palavra em uma representação de uma dada realidade histórica (Koselleck, 2006). Para o historiador alemão, no clássico estudo, *Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos* (1979), o tempo presente não apenas ressignifica o passado (campo da experiência), mas também o futuro (horizonte de expectativa) e, assim, cada tempo presente estabelece uma relação entre futuro e passado. Entre o ‘espaço da experiência’ e o ‘horizonte da expectativa’ é vista uma tensão própria dos fenômenos da temporalidade que existe em cada época.

Embora seja complexo o entendimento dos fenômenos da temporalidade, no texto didático pode-se dialogar com o historiador Reinhart Koselleck, no sentido de se perceber a relação temporal trazida nos conceitos postos nos livros didáticos. Cada época comporta diversas temporalidades, as diferentes sociedades percebem, apreendem, compreendem, sentem e ressignificam o tempo. Assim ocorre, também, com os conceitos na História. O livro didático assimila em maior ou menor grau as perspectivas e as transformações que ocorrem

na academia, no mercado editorial, nas pós-graduações (Caimi, 2002). Logo, existe uma relação dos conteúdos vivenciados nos livros com as tendências historiográficas que resultam de importantes formulações da historiografia.

Palavras/conceitos, temporalidades e perspectivas historiográficas são elementos historiográficos iniciais para serem trabalhados nos livros didáticos. Para Rüsen (2007), o conceito histórico representa o recurso linguístico dos enunciados históricos. “É o material com que são construídas as teorias históricas e constituem o mais importante instrumento linguístico do historiador. Sua formação e utilização decidem como o pensamento histórico-científico se realiza” (Rüsen, 2007, p. 91). Os conceitos históricos são formados a partir da formulação teórico-cognitiva do historiador ao pesquisar e criticar as fontes históricas em que acaba por revelar a essência histórica de um estado de coisas. O pensamento de Rüsen (2007) nos apresenta a relação da fonte histórica com a construção do conceito histórico. Para entender um conceito no livro didático é importante identificar quais fontes o autor ou historiador trabalhou em determinado estudo no enunciado didático.

Para Le Goff (1990), a formação de um conceito histórico (ou um olhar historiográfico) engloba várias questões a serem observadas. Por exemplo, a diferença entre a História vivida e a História objetiva (ciência), que corresponde ao esforço científico de explicar a História. Esta última concepção predomina mais nos aspectos conceituais do que na primeira. Logo, essa diferença entre ambas tem que ser significativa para o estudante entender um conceito histórico no livro, já que nem sempre o que se vive está no livro de forma concreta, mas conceituada por meios de um exercício intelectual.

Outra questão que Le Goff (1990) aborda se refere ao tempo e às suas diversas temporalidades, tempo duração, tempo natural, tempo cíclico (estações do ano), tempo vivido e registrado pelos homens. Estabeleceu-se, então, por meio de tais registros, uma ideia de controle do tempo, principalmente, por mecanismos de divisões temporais, os diferentes calendários produzidos pelas sociedades orientais e ocidentais. Porém, outras relações interessam cada vez mais aos historiadores como a História e a Memória (Le Goff, 1990).

A dialética da História também é observada pelo medievalista e se traduz na relação presente/passado em que se cria um sistema de valores pautados em contrastes (antigo/moderno, reativo/progressivo). Contrastes de cada época que tentam transmitir um sentido historiográfico ao tempo presente e ao tempo passado e que não representa algo linear, mas apropriações historiográficas que estão sempre sendo revistas. Este pensamento,

traduzido para o livro didático de História, implica perceber as construções sobre o mundo, sobre a História para dirimir as naturalizações e abrir os horizontes em uma expectativa de transformação (Gontijo; Magalhães; Rocha, 2009),

Sendo assim, um conceito historiográfico também é debatido na perspectiva da periodização, em suas diferentes durações históricas, como por exemplo, a longa duração, a curta duração e o uso desses esquemas pelos historiadores. Le Goff ainda nos traz a mudança de visão no qual foi substituída a História do homem pela História dos homens em sociedade em que, tal perspectiva dialoga com a ideia de que as demandas sociais estão presentes na escola, os conceitos aprendidos nos livros didáticos de História são reflexos da História dos homens em sociedade (Chervel, 1990). A periodização também se constitui como um elemento histórico para entender de forma significativa as durações históricas.

Na sequência, apresenta-se metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa apresentada neste texto.

Pressupostos metodológicos empregados

Considerando seu intuito, do ponto de vista de sua natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada que, de acordo com Gil (2008), abrange estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas identificados no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem. [...] pesquisas aplicadas podem contribuir para a ampliação do conhecimento científico e sugerir novas questões a serem investigadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, já que segue as orientações de Minayo (2002), ou seja, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Quanto aos objetivos, este estudo se caracteriza como pesquisa exploratória e descritiva. De acordo com Gil (2008) a pesquisa exploratória visa aprimorar hipóteses, validar instrumentos e proporcionar familiaridade com o campo de estudo. Já a pesquisa descritiva busca apresentar a temática, com vistas a torná-la mais compreensível, assim como uma descrição mais detalhada de suas características (Gil, 2008).

Quanto aos procedimentos trata-se de uma pesquisa que foi realizada a partir de material constituído principalmente de livros, teses e dissertações e artigos publicados em periódicos que são considerados uma fonte de dados confiáveis e consolidados.

Uma metodologia para análise de conceito em livro didático de História

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (Gil, 2008, p. 44).

A coleta de dados foi realizada por meio de análise documental que, de acordo com Lüdke e André (1986),

[...] constituem uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação, não sendo apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surge num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto (Lüdke; André, 1986, p. 39).

A pesquisa constituiu-se da elaboração de um quadro analítico desenvolvido a partir das seguintes categorias: terminologia, adequação conceitual, inovação historiográfica, periodização, fonte e reescrita histórica. Cabe ressaltar que encontraremos adiante um texto com caráter, por vezes, analítico/descritivo. À medida que traremos intercalações com a pesquisa História e pré-história: investigando os usos desses conceitos nos livros didáticos de História pontuamos os traços teóricos metodológicos para a construção da proposta metodológica. As análises e os resultados da pesquisa estão apresentadas na sequência desse texto.

Análises e resultados

O processo de ensino-aprendizagem na História almeja para os estudantes a utilização, entre outras habilidades, de suas capacidades intelectuais para aquisição de conceitos. Esses conceitos devem ter uma utilidade prática na vida diária, nem que seja para levar à aquisição novos aprendizados históricos. Na prática, analisar um conceito em História requer do estudante um enorme esforço de abstração intelectual, ou seja, o conhecimento histórico escolar precisa da construção lógica de um encadeamento de sentidos, ideias e narrativas. Para o historiador Paulo Miceli (2011), a História é matéria difícil, pois exige o criar e o recriar de forma paciente e meticulosa a produção humana (Miceli, 2009). Considera-se que essa dificuldade exige retificar o próprio caminho da escrita já que os conceitos nos livros didáticos de História não são estáticos e assim devem ser assimilados pelos estudantes.

Para o estudante desenvolver a habilidade de reflexão e análise de conceitos são necessários mecanismos, através dos livros didáticos, inerentes à própria História trabalhada no ambiente escolar que os auxiliem. Caminhos que facilitem a percepção dos fenômenos e

da linguagem histórica evidenciam o aprendizado sobre o passado e são pautados nas soluções e no entendimento do presente. A História é uma tessitura da sociedade e os conceitos contribuem, de forma coesa, para o seu entendimento, no entanto, a coerência dos enunciados devem ser esmiuçadas e construídas na dinâmica de ensino/aprendizagem.

Sendo assim, as categorias desenvolvidas nesta pesquisa são balizadas pelas construções das relações de saber histórico contidas nos conceitos trazidos nos livros didáticos. No quadro metodológico, a seguir, especificam-se as categorias, os objetivos e as etapas a serem observadas para análise de conceito no livro didático de História. Em seguida, tem-se, como exemplo, a aplicação da metodologia no livro didático: História, sociedade & cidadania, Editora FTD, do autor Alfredo Boulos Júnior.

Quadro 1: Quadro Metodológico para Análise Conceitual

Categorias	Objetivo	Etapas
Terminologia	Criar um universo significativo através da linguagem didática e das palavras relacionadas ao conceito analisado. São os termos próprios da área do conhecimento, no caso, a História.	1. Identificar: termos específicos, vocábulos próprios, expressões e palavras representativas.
Adequação Conceitual	Filtrar a relevância do conteúdo para o público escolar através da pertinência das informações presentes nos argumentos textuais.	2. Explorar: a relação de sentido, pertinência e relevância dos argumentos e problematizações trazidas no texto didático.
Inovação Historiográfica	Atualizar os termos, os discursos e as narrativas presentes nos livros que se aproximam dos debates e das perspectivas historiográficas atuais.	3. Estabelecer: novos olhares, novos diálogos historiográficos voltados para o respeito às diferenças culturais com base em princípios humanizadores e interdisciplinares.
Periodização	Compreender os processos históricos em determinado tempo e espaço como uma construção social alicerçada didaticamente em divisões temporais.	4. Observar os marcos temporais: as divisões micro e as macros da História em sua relação processual com a realidade regional, nacional e internacional.
Fonte Histórica	Revelar qual o tipo de fonte histórica os livros didáticos utilizam em sua análise historiográfica.	5. Evidenciar: a relação da fonte histórica com a construção dos discursos e das narrativas trazidas no livro.
Reescrita Histórica	Apropriar a escrita da História presente no livro didático de forma crítica e reflexiva.	6. Reconstruir textos, proposições temáticas e os próprios conceitos em um processo formativo, crítico, reflexivo e autônomo.

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Os elementos historiográficos trazidos nas categorias acima representam as características que são identificadas nos conceitos. A terminologia expressa as palavras que

mais se associam a determinado conceito. Didaticamente é muito importante para a aprendizagem do estudante estabelecer uma relação palavras/conceito.

A adequação conceitual traduz a pertinência e a relevância de um conceito para articular os argumentos de sua escrita. De acordo com Helenice Rocha (2018) os processos históricos acontecem continuamente e se desenrolam nos livros didáticos sob novas perspectivas. A toda hora os autores dos livros didáticos trabalham para uma narrativa mais atual através da pesquisa e da síntese, assim pontua a autora:

O resultado é um texto que será continuamente reformulado até se estabilizar em uma forma canônica, em rápido diálogo com uma bibliografia específica e das ciências humanas, além da conexão necessária com os próprios acontecimentos do mundo contemporâneo (Rocha, 2018, p. 87).

Para aprimorar a síntese e a escrita didática e torná-las adequadas, os conceitos e as narrativas nos livros são aperfeiçoadas. Mas todo esse processo deve passar pelo crivo da escola, dos professores e dos alunos.

No quesito de inovação na produção conceitual também faremos referência a Rocha (2018), “A atualização é um requisito para os livros didáticos de História. Eles devem tratar dos processos e acontecimentos até os dias de hoje, mesmo que ainda estejam em seu decurso” (Rocha, 2018, p. 86-87). A inovação historiográfica está ligada às novas narrativas e aos discursos que são reformulados e ressignificados no livro didático.

A periodização exerce a função importante de situar o conceito histórico no contexto de sua temporalidade, estabelecendo as métricas historiográficas (cronologias e períodos históricos). Perceber a duração própria de cada momento histórico, os núcleos sociais envolvidos e os espaços dos acontecimentos contribuem para entender e definir os conceitos abordados nos livros didáticos.

As fontes históricas são reveladoras das interpretações e das hipóteses que os historiadores constroem. Favorece, assim, o processo de elaboração da escrita e da reescrita histórica, que correspondem aos diversos documentos históricos. Auxiliam, então, na construção do olhar e na percepção dos estudantes para determinados objetos.

Como operar com uma metodologia com diferentes categorias, objetivos e etapas sendo aplicadas? Primeiramente, a análise deve ser contígua. Os elementos históricos trazidos nesta metodologia formam um conjunto de informações que dialogam entre si. Por isso, devem ser entendidos por suas características, pelas informações mais importantes que

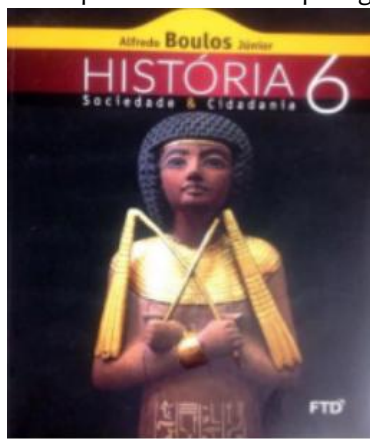
se relacionam a determinado conceito, que seja objeto da análise no livro didático. Os fragmentos textuais serão separados e estruturados para que possam ser objeto de análises e inferências por parte do estudante ou do professor.

Ao identificar as palavras representativas de um conceito, é preciso também validá-las, pois é possível encontrar palavras inadequadas nos livros didáticos, por exemplo, ao abordar a história do negro, dos povos originários ou mesmo questões de gênero. Logo, é necessário certificar se da narrativa, do discurso e se as palavras estão adequadas. As categorias aqui elencadas permitem seguir um caminho lógico em que o mesmo conceito pode ser ‘testado’, visto e interpretado por diferentes olhares. Se os termos, por exemplo, forem vistos como inadequados, um olhar mais atualizado para os debates historiográficos pode mobilizar e ampliar a capacidade crítica do aluno para a retificação histórica, proposta por Paulo Miceli (2009).

No entanto, essas palavras que se associam ao conceito trabalhado, também estão associadas a determinadas fontes históricas em um período de tempo (marcação temporal ou no sentido mais amplo as periodizações). Ao fazer todo esse percurso processual de análise conceitual é possível que o professor e o estudante ampliem a sua capacidade de abstrair e repensar o seu entendimento acerca dos conceitos estudados.

O livro História, História, sociedade & cidadania, Editora FTD, do autor Alfredo Boulos Júnior é o livro mais distribuído para as escolas públicas do Brasil, segundo o Programa Nacional de Livro Didático – PNLD, entre os anos 2017-2019, conforme consta no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE (FNDE, 2017). Para os anos finais do Ensino Fundamental, somente para o 6º ano houve uma distribuição de 923.792 exemplares (Aragão, 2019, p. 8). Dada a expressividade de acesso às crianças brasileiras e a representatividade elencou-se para demonstrar a utilização da metodologia a obra da Editora FTD, a seguir tem-se a capa ilustrativa da obra e os fragmentos textuais selecionados para análise no quadro 2.

Figura 1: Capa do livro didático-pedagógica



Fonte: Boulos Júnior (2015)

Quadro 2: Análise Conceitual no Livro História, sociedade & cidadania (Boulos Júnior, 2015)

Categoria	Livro	Conceito de História
Terminologia	História, Sociedade & Cidadania	<p>“A História estuda justamente o processo de mudanças ocorridas nas sociedades. Incluem-se aí as mudanças no campo da tecnologia, da moda, da alimentação, da construção de moradias, do lazer, entre outras.”</p> <p>“mudanças”; “permanências”; “sociedade”; “passado”; “presente”; “tempo”. (Boulos Júnior, 2015, p.13 -14).</p>
Adequação Conceitual	História, Sociedade & Cidadania	<p>A História estuda justamente o processo de mudanças ocorridas nas sociedades. Incluem-se aí as mudanças no campo da tecnologia, da moda, da alimentação, da construção de moradias, do lazer, entre outras.</p> <p>Mas a História não estuda apenas as mudanças. Estuda também as permanências, ou seja, aquilo que, mesmo com o passar dos anos, não mudou ou mudou pouco.”</p> <p>“[...] A História estuda as mudanças e também as permanências. Procura perceber o modo como as pessoas viviam nos tempos antigos e como vivem hoje, bem como a relação entre aqueles tempos e os tempos atuais. Ou seja, a História estuda o tempo passado e também o presente. Por isso, pode-se dizer que a História é o estudo dos seres humanos no tempo.” (Boulos Júnior, 2015, p.13 -14).</p>
Inovação Historiográfica	História, Sociedade & Cidadania	<p>“Quem faz a História?</p> <p>A História não é feita apenas pelos grandes personagens (reis, generais, presidentes), mas por todos nós, isto é, por pessoas como eu, você, sua professora, a diretora, o prefeito etc.; por grupos como o dos artesãos, dos idosos, dos soldados, dos ricos, das mulheres, das crianças etc.” (Boulos Júnior, 2015, p. 20).</p>
Periodização	História, Sociedade & Cidadania	<p>“Divisão tradicional da História</p> <p>Tradicionalmente, divide-se a História em cinco grandes períodos: Pré-História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.</p> <p>Muitos estudiosos criticam essa divisão tradicional da História por diversos motivos. Primeiro, porque essa divisão valoriza os fatos importantes para os povos da Europa e desconsidera o que se passava, por exemplo, na África ou na Ásia. Segundo, porque ainda</p>

		<p>há povos que não utilizam a escrita, o que não quer dizer que não possuam uma história.</p> <p>Nós apresentamos essa divisão porque ela aparece em muitos livros e revistas de História. Conhecê-la facilita a compreensão e a produção de textos históricos.”</p> <p>(Boulos Júnior, 2015, p.40).</p>
Fontes	História, Sociedade & Cidadania	<p>“[...] O historiador de forma semelhante: utiliza todos os vestígios ou pistas disponíveis para construir um conhecimento sobre a trajetória de um povo, um grupo ou um indivíduo. Os vestígios (escritos, imagens, objetos etc.) produzidos pelo ser humano na sua passagem pela Terra são chamados de fontes históricas.</p> <p>As fontes históricas podem ser escritas, visuais, orais e da cultura material.” (Boulos Júnior, 2015, p.16).</p>
Reescrita Histórica	História, Sociedade & Cidadania	<p>"Perguntas de um Operário que Lê" (Bertold Brecht)</p> <p>Quem construiu Tebas de sete portas? Nos livros estão nomes de reis. Arrastaram eles os blocos de pedras? E a Babilônia várias vezes destruída - Quem a reconstruiu tantas vezes? [...] Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?</p> <p>Exercício proposto</p> <p>“1. Releia a seguir os versos iniciais do Poema”</p> <p>Quem construiu Tebas de sete portas? Nos livros estão nomes de reis. Arrastaram eles os blocos de pedras? Que de fato arrastou blocos de pedra durante a construção de Tebas?</p> <p>2. Releia as outras questões presentes no Poema e responda: Quem são as pessoas responsáveis por executar as ações relatadas?”</p> <p>(Boulos Júnior, 2015, p. 47).</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Ao analisar o termo História no livro “História, sociedade & cidadania”, no quadro 2, apresentado acima, percebem-se as terminologias recorrentes relacionadas ao conceito, tais como ‘mudanças’, ‘permanências’, ‘sociedade’, ‘passado’, ‘presente’ e ‘tempo’. Essas palavras estruturam o conceito História a partir da ideia de transformação, dos usos do passado, da memória, das diferentes culturas, da relação tempo e espaço em diferentes sociedades. Percebe-se a confluência de palavras que são associadas ao conceito de História trazido pelo livro.

A adequação conceitual tem uma relação de pertinência ao abordar as noções de mudança, permanência e transformação ao longo do tempo em diferentes períodos sociais para o entendimento da nossa sociedade atual. Esse entendimento decorre das realizações humanas e das transformações sociais, políticas e culturais em diferentes ritmos (temporais)

e contextos próprios. Portanto, é uma construção relacional do tempo passado e do presente da História dos seres humanos.

A inovação historiográfica trazida pelo livro em análise diz respeito ao lugar dos sujeitos históricos. O diálogo da História com diferentes atores sociais em cenários diversificados representa uma atualização historiográfica. Desloca as concepções mais antigas da História nas quais o sentido da narrativa histórica partir da ótica dos reis, generais, presidentes e suas realizações para valorizar o papel histórico de outras instâncias sociais – pobres, idoso, mulheres, dentre tantas outras denominações que por muito tempo foram silenciadas da História oficial.

No aspecto periodização tem-se a divisão mais tradicional da História, a divisão francesa que é presente como uma macrodivisão historiográfica cuja separação é: Pré-história, História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea. Isso implica que a maioria dos estudantes das escolas públicas terão como base para compreender a periodização da História os grandes marcos temporais da História europeia. O problema de aprender História por meio dessa marcação temporal é ter a Europa como centro e as demais histórias dos outros continentes serem periféricas, pois o centro dos acontecimentos acontece no Velho Continente. Dessa forma, a Europa é sempre um lugar superior na História. Atualmente, têm-se outras formas de dividir a História, o próprio livro faz a crítica a essa divisão eurocêntrica, porém, argumenta ser uma divisão tradicional importante para a compreensão da macro História.

Uma pluralidade de fontes históricas, é isso que revela o livro. Na análise empreendida percebe-se a seguinte lógica: o que tem valor histórico é passível de ser investigado historicamente. Os caminhos da investigação histórica a disponibilidade historiador são plurais, existe uma variedade de fontes: vestígios materiais, sítios históricos, jornais, revistas, livros, artigos, noticiários de rádio e televisão, filmes, documentários, internet, oralidade entre outras. A todo momento a humanidade produz novas fontes, segue produzindo culturalmente e deixando pistas em todos os lugares de sua produção.

A categoria reescrita histórica procura analisar as proposições que os livros trazem na forma de atividade didática. Geralmente, são nas atividades propostas que o estudante terá a oportunidade de escrever com suas palavras o que aprendeu de determinado conceito. A atividade de leitura e produção textual é que mais se apresenta, perpassa e se integra com as categorias elencadas.

Para responder a um exercício com perguntas e respostas, ou interpretar um poema como o de Bertold Brecht, no quadro 2, é necessário analisar, pesquisar e refletir, pois o texto propõe pensar sobre momentos históricos diferentes e estabelece uma ideia da relação de silenciamento daqueles que participaram ativamente para construir cidades egípcias, muralhas monumentais ou mesmo travar batalhas nos oceanos.

O texto de Brecht permite dar voz aqueles operários que, como hoje em dia, ainda aparecem com uma certa distância nos livros didáticos. Quando se fala que ler História é ler o mundo é porque de um texto se pode relacionar diversos acontecimentos em diferentes realidades. O conhecimento histórico é orientado a indagar os posicionamentos do sujeito no mundo de tal forma que pode remodelar posturas, principalmente, as pautadas nas injustiças sociais, “é preciso considerar que a produção do saber histórico se evidencia como instrumento de leitura do mundo e não mera disciplina” (Knauss, 1999, p. 28).

Os resultados advindos com operacionalização da metodologia apresentada, mesmo após a atualização dos livros didáticos, pois é comum em um tempo relativamente curto novas reformulações e edições serem publicadas, favorecem o entendimento para o estudante e para o professor de como os processos históricos se desenrolam e de como novos panoramas e narrativas históricas vão sendo sintetizadas e incorporadas na linguagem didática.

Ao aplicar as etapas da metodologia proposta, o estudante, de forma singular e contínua, poderá analisar os conceitos nos livros didáticos História, desafiando-se em um trabalho de síntese intenso, identificando os termos e expressões utilizados para caracterização e definição de um conceito. Ao passo que explora e filtra do texto as relações de sentido, separa os argumentos mais relevantes para tecer problematizações. Estabelece um diálogo com a historiografia recente, um olhar para os temas atuais e sua relação com o passado.

Professores e estudantes passam a compreender a aprendizagem em História como processos históricos situados necessariamente em uma relação de tempo e espaço. Espaço com diferentes atores sociais que somente podem demonstrar seus cenários de atuação quando as fontes (criadas, deixadas, descobertas) forem reveladoras da dinâmica social. Diante desse percurso é possível que o próprio aluno consiga de forma crítica e reflexiva analisar, entender e reconstruir os conceitos estudados nos livros.

Considerações finais

O objetivo da pesquisa realizada consistiu em apresentar uma proposta de metodologia para análise de conceitos em livros didáticos de História. Tendo em vista a necessidade de criar instrumentos e recursos didáticos que auxiliem o ensino-aprendizagem nas aulas de História para professores e estudantes da Educação Básica. Nesse sentido, o próprio texto didático foi o objeto de análise. Se os conceitos em História são imprescindíveis para o aprendizado do conteúdo histórico e são postos nos livros didáticos de forma abundante parece ser plausível a proposta, não como um único caminho, de trabalhar a partir do próprio material didático uma forma de analisar o seu conteúdo.

Portanto, a metodologia atrelou os elementos historiográficos que são comuns e possíveis de serem utilizados e identificados nos livros didáticos, quais sejam, a terminologia, a adequação conceitual, a inovação historiográfica, a periodização, as fontes e a reescrita do texto. Esses elementos constituíram as categorias de análise que subsidiaram a montagem do quadro metodológico. A dinâmica para a análise conceitual propôs ir além do que ainda se pratica nas escolas, que é a exposição do enunciado e seus termos com ênfase na repetição dos conceitos ensinados.

O fato do estudante reproduzir uma definição aprendida no livro didático não significa que ele domine as ideias mais importantes acerca do conteúdo ou mesmo que possa estabelecer relações mais profundas e contextualizadas com o tema. E não se trata apenas de criticar um ou outro método mais tradicional de ensino, pois as práticas pedagógicas são plurais, complementares e estão sempre em renovação. Diante dessa constatação o quadro metodológico proposto procura complementar e dialogar com outras metodologias no ensino de História, um campo que vem se reformulando e necessita se instrumentalizar de modelos atuais que adotem uma aprendizagem significativa e mais eficaz.

Por isso, não se trata de cobrar uma produção textual em sua íntegra, mas se relacionar com o livro didático de forma objetiva, buscando compreender os processos históricos por etapas correlacionadas, de forma gradativa, juntando os ‘quebra cabeças’ inerentes a uma síntese histórica. Uma expressão textual reproduzida é diferente de um conceito construído com elementos históricos identificados pelos estudantes. A tentativa, aqui, é sair do equívoco daquele conhecimento momentâneo que até reproduz uma ideia, no entanto, não a relaciona de forma crítica e reflexiva.

Procurou-se ressaltar a riqueza de perspectivas que os livros oferecem enquanto

ferramenta de ensino, que trazem tendências historiográficas, mas também suscitam lacunas em seu conteúdo, as quais devem ser questionadas, dialogadas, pesquisadas e preenchidas. Logo, a metodologia apresentada vai ao encontro de novos olhares para o texto didático nos livros de História. Mirando ir além das definições taxativas, das palavras e termos definidores, mapeando características, sentidos, argumentações, problematizações, diálogo e entrecruzamento do passado, frente à construção do presente.

As ressignificações conceituais presentes nos livros didáticos exigem dos professores e estudantes da escola básica ressignificar as suas posturas diante do conhecimento histórico escolar. Conhecer os conceitos dos livros didáticos é um passo importante para o estudo da História, mas se esse passo não vier acompanhado por reflexões, por metodologias, por aportes teóricos e práticos que envolvam os alunos na condição de sujeitos históricos com realidades plurais teremos, ainda, uma História escolar em sua maior parte livresca.

Referências

- ARAGÃO, Luiz Adriano Lucena. **História e pré-história**: investigando os usos desses conceitos nos livros didáticos de história. 2019. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8391>. Acesso em: 09 mai. 2022.
- BROWN, Peter C.; ROEDIGER III, Henry L.; MCDANIEL, Mark A. **Fixe o conhecimento**: a ciência da aprendizagem bem-sucedida. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.
- BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História, sociedade & cidadania**. 3.ed. São Paulo: FTD, 2015.
- CAIMI, Flávia Eloisa. O livro didático no contexto de transição dos paradigmas da História. In: CAIMI, Flávia Eloisa; MACHADO, Ironita; DIEHL, Astor Antônio (org.). **O livro didático e o currículo de história em transição**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 77-111.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo. In: OLIVEIRA, Margarida Dias de. **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 59-82.
- CAVALCANTI, Erinaldo. **A história “encastelada” e o ensino “encurralado”**: escritos sobre história, ensino e formação docente. Curitiba: CRV, 2021.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, p. 177-229, 1990.

FREITAS, Itamar. Livro didático de história: definições, representações e prescrições de uso. In: OLIVEIRA, Margarida Dias de; OLIVEIRA, Almir Félix Bueno de (org.). **Livros didáticos de História: escolhas e utilizações**. Natal: Editora da UFRN, 2009. p. 11-19.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. 13. ed. São Paulo: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. Tradução de História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

GONTIJO, Rebeca; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. A aula como texto: historiografia e ensino de história. In: GONTIJO, Rebeca; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos (org.). **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Editora FGV, 2009.

JASMIN, Marcelo Gantus. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, p. 27-38, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia Leite (Org.) **Repensando o ensino de história**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Revista Estudos Históricos**, 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu, 1986.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História. PINSKY, Jaime (org.). **O ensino de história e a criação do fato**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 37-52.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Marco Antônio. A fetichização do livro didático no Brasil. **Educação & Realidade**, v. 37, p. 803-821, 2012.

RÜSEN, Jonh. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

ROCHA, Helenice. Desafios presentes nos livros didáticos de História: narrar o que ainda está acontecendo. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 14, p. 86-106, 2018.

Sobre os autores

Luiz Adriano Lucena Aragão

Mestre em História Social da Cultura Regional (UFRPE).

E-mail: prof.adrianolucenah@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3006-9749>

Roberta Pasqualli

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

E-mail: roberta.pasqualli@ifsc.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8293-033x>

Recebido em: 05/03/2024

Aceito para publicação em: 24/06/2025